

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO SUJEITO “HOMOSSEXUAL” À LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES FOUCAULTIANAS

Ricardo Breno Fernandes Goes - *Universidade Federal de Campina Grande*
- ricardobreno07@gmail.com

John Lenon Araújo Lucena; - *Universidade Federal de Campina Grande* -
lennon.john0509@gmail.com Priscila Gomes de Oliveira; - *Universidade Federal de Campina Grande* - priscilagoo@hotmail.com Francisco Felipe Paiva Fernandes - *Universidade Federal de Campina Grande* - fellipaiva@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir a construção discursiva do homossexual, partindo da produção de Michel Foucault, especificamente, nas obras *Os Anormais* (1975) e *História da Sexualidade I* (1976), bem como, analisar o papel da psicologia na formação desses discursos. Os conhecimentos psicológico, jurídico e psiquiátrico foram atravessados por rupturas em seu cenário epistemológico, do modelo clássico de pensamento, representativo e idealizado, para analisar o sujeito pela sua concretude e natureza. Desse modo, Foucault sinaliza as nuances desse saber e denota a existência de relações de um poder, biopolítico e microfísico. O arcabouço desses saberes permitiu a passagem da concepção canônica de sodomia para uma natureza do homossexual, não se tratando mais de uma falta religiosa, transgressão moral ou um ato jurídico passível de punição, mas de uma condição singular, uma espécie. A homossexualidade foi elaborada e disseminada pelo saber médico a partir de uma concepção imaginária de anormalidade que permeia o corpo social, caracterizando-se como uma patologia médica, uma disfunção passível de tratamento. Com isso, sinaliza-se uma correlação entre esses campos de saber, que se fundamentam e formam uma unidade em torno de uma produção de dispositivos de controle social e coerção dos sujeitos. Nesse sentido, a construção desse saber relaciona-se com as formas contemporâneas de pensar, as quais buscam respaldo por meio do discurso científico, aceito por grande parte da sociedade. Destarte, os estudos foucaultianos trazem à tona um questionamento da psicologia já esquecido por longo tempo e possui consequências atuais: para quê e quem serve esse saber?

Palavras-chave: Homossexualidade. Discurso. Anormal. Saber. Psicologia.

INTRODUÇÃO

Um, digamos X., “intelectualmente, sem ser brilhante, não é estúpido; encadeia bem as ideias e tem boa memória. Moralmente, é homossexual desde os doze ou treze anos, e esse vício, no começo, teria sido uma compensação para as zombarias de que era vítima quando, criança, criado pela assistência pública, estava na Mancha [departamento francês M.F]. Talvez seu aspecto afeminado tenha agravado essa tendência à homossexualidade, mas foi a ganância que levou X. a praticar a chantagem. X. é totalmente imoral, cínico, falastrão até. Há três mil anos, certamente teria vivido em Sodoma e os fogos do céu com toda justiça o teriam punido por seu vício. Devemos reconhecer que Y. [a vítima da chantagem - M.F] teria merecido a mesma punição. Porque, afinal de contas, ele é idoso, relativamente rico e não tinha nada mais a propor a X., senão instalá-lo numa boate de invertidos, de que ele seria o caixa, abatendo progressivamente o dinheiro investido na compra do estabelecimento. Esse Y, sucessiva ou simultaneamente amante masculino ou feminino, não se sabe, de X., causa desprezo e náusea. X. ama Z. Só vendo o ar

afeminado de um e de outro para compreender que tal palavra pode ser empregada quando se trata de dois homens tão afeminados que não é mais em Sodoma, mas em Gomorra, que deveriam viver." (FOUCAULT, 2010, pág. 6).

Iniciamos o presente trabalho com o laudo psiquiátrico, trazido por Foucault, de 1955. O laudo psiquiátrico traz a problemática de um discurso que, ao mesmo tempo que determina a vida e a morte do sujeito, tem um valor de verdade e é risível. Esse laudo carrega um volume poder no qual está permeado no discurso jurídico e médico há muito tempo. Além disso, o laudo traz uma característica importante a ser construída no presente artigo: a sodomia. Como que ocorre a transição dessa figura do direito canônico e religioso para constituir uma patologia e uma natureza essencialista do sujeito passível de cura e correção? Quais são os efeitos desse discurso construído durante o século XVIII e XIX, na modernidade? A moral ainda é uma característica a ser julgada no sujeito homossexual? Ele tem o direito de ser quem ele é?

Sendo assim, salientamos, de início, a importância de se criticar quais são as verdadeiras finalidades do saber médico, psicológico e jurídico no que diz respeito a categorização e patologização do homossexual. Com isso, analisar como a união desses três saberes permitiu a construção de um discurso científico acerca do homossexual torna-se crucial para compreender a passagem da sodomia enquanto pecado para uma patologia, no discurso médico, jurídico e psicológico. Portanto, o presente artigo objetiva refletir a construção discursiva do homossexual, partindo da produção de Michel Foucault, especificamente nas obras *Os Anormais* (2010) e *História da Sexualidade I* (2014), bem como, analisar o papel da psicologia na formação desses discursos

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente trabalho foi uma pesquisa teórica com base nas obras de Michel Foucault, tendo como principal referência “*Os Anormais* (2010)” e “*História da Sexualidade I – A vontade de saber* (2014)”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma geral, talvez tivesse sido uma ingenuidade, ou um excesso de credulidade, pensar que a Psicologia pudesse ter escapado do *zeitgeist* epistemológico europeu nos séculos XVIII e XIX. E de fato, o nascimento, ainda que tardio do pensamento moderno não significou a produção de um conhecimento que visasse somente o bem-estar social coletivo, mas sim, a construção de mecanismos de controle enviesados por interesses científicos e políticos. A transição, nada pacífica, do período

clássico ao moderno que, tentando mensurar analisando a partir de um espectro geral, estaria datado entre os séculos XVI e XIX, modificou, em certa medida, as formas de se pensar, analisar e produzir ciência.

A ruptura entre o pensamento abstrato e representativo do período clássico ao moderno, fez-se surgir uma característica que se tornou seminal no campo científico ocidental: a questão da produção e da validação do conhecimento técnico-científico. Nesse sentido, para o filósofo francês Michel Foucault, a Psicologia é inventada em um período muito conturbado, tendo como uma de suas principais características a divisão, corte e a separação de saberes. De um lado, a categorização e análise superficial dos seres animados e inanimados; do outro, o surgimento de uma nova percepção dos objetos, rompendo com a perspectiva pretérita dos clássicos.

De acordo com Foucault em *As Palavras e As Coisas* (1966), o pontapé inicial para a invenção da psicologia são as ciências empíricas (Biologia, Economia e Filologia), sendo as duas primeiras as mais importantes, na medida em que elas garantem o seu *status* de positividade, ou seja, quando elas passam a ter um objeto bem definido.

É que o pensamento que nos é contemporâneo e com o qual, queiramos ou não, pensamos, se acha ainda muito dominado pela impossibilidade, trazida à luz por volta do fim do século XVIII, de fundar as sínteses no espaço da representação e pela obrigação correlativa, simultânea, mas logo dividida contra si mesma, de abrir o campo transcendental da subjetividade e de constituir inversamente, para além do objeto, esses “quase-transcendentais” que são para nós a Vida, o Trabalho, a Linguagem. (FOUCAULT, pág. 343, 1966).

Nas ciências biológicas, o homem que outrora era analisado apenas com o que era visível ao olho nu, era considerado o ser ideal e perfeito de onde derivam os demais seres. Com o surgimento do período moderno, o ser humano passou a ser analisado a partir de suas representações e significações à vida. O que era posto em questão eram os diversos valores que os seres humanos dão a sua própria existência de forma subjetiva. Portanto, a ciência biológica deixou de ser uma história natural para devir uma ciência da vida.

Além disso, nas ciências econômicas, que outrora era apenas uma análise de riquezas e de objetos de valor, teve o seu sistema de trocas e de compras totalmente removido e rompido pelo surgimento do período moderno. A partir da objetificação do homem, este passou a ser analisado de

forma ativa, considerando-se o seu trabalho e esforços físicos gastos para o forjamento daqueles objetos. Com isso, vê-se nitidamente que o homem passa a agir tanto como analisador como a ser analisado; aos poucos, o ser humano é modelado a partir de suas ações e significações durante a sua experiência de vida. A psicologia surge por meio do estudo do homem pelo homem.

O espaço do saber ocidental acha-se agora prestes a balançar: a taxinomia cuja grande camada universal se estendia em correlação com a possibilidade de uma *máthêsis* e que constituía o tempo forte do saber — ao mesmo tempo sua possibilidade primeira e o termo de sua perfeição — vai ordenar-se segundo uma verticalidade obscura: esta definirá a lei das semelhanças, prescreverá as vizinhanças e as descontinuidades, fundará as disposições perceptíveis e desviará todos os grandes desdobramentos horizontais da taxonomia para a região um pouco acessória das consequências. Assim, a cultura europeia inventa para si uma profundidade em que a questão não será mais a das identidades, dos caracteres distintivos, das plataformas permanentes com todos os seus caminhos e percursos possíveis, mas a das grandes forças ocultas desenvolvidas a partir de seu núcleo primitivo e inacessível, mas a da origem, da causalidade e da história. (FOUCAULT, 1966).

Nesse sentido, seguindo o *script* positivista e cientificista da época, a psicologia, com seu *status* de positividade e seu objeto delimitado — o homem —, as ciências humanas adquirem no meio acadêmico a sua validação empírica que lhe faltara.

Em contraposição, a dominância, tipicamente moderna, das tradições teóricas e epistemológicas, em que emergem e avultam as questões da fundamentação e do método, reflete uma nova posição do homem diante das coisas e no seio das coletividades: agora, cada vez mais entregue a si, cada indivíduo defronta-se com um mundo no qual já não se sente plenamente em casa e de onde lhe surgem fenômenos dotados de uma certa estranheza e que exigem o máximo empenho em procedimentos de controle (FIGUEIREDO, 1995).

Entretanto, não obstante, é já nos fins dos séculos XVIII e XIX, que as grandes transformações, revoluções e manifestações coletivas e sociais que aconteceram nos séculos XV e XVIII, refletirão e exigirão da Psicologia uma práxis um pouco diferente dos testes psicofísicos. O marco institucional dessa nova etapa do processo de dominação da razão é a criação em 1656, por Luís XIV, em Paris, do Hospital Geral que agrupa La Salpêtrière, Bicêtre e outros estabelecimentos. Tese principal de Foucault: não se trata, apesar do nome, de uma instituição médica, mas de uma estrutura “semijurídica”, entidade assistencial e administrativa. Esse fenômeno — que não se limita a Paris ou à França, mas atinge toda a Europa, e não é somente estatal, pois também a Igreja organizou estabelecimentos de reclusão — tem um significado social, econômico, moral e político importante para se compreender a percepção da loucura na época clássica. Socialmente, o “Grande

Enclausuramento” — como Foucault o denominou retomando uma formulação da época — assinala a passagem de uma visão religiosa da pobreza, que a considerando uma positividade mística a santifica, para uma percepção social que, atribuindo-lhe a negatividade de uma desordem moral e um obstáculo à ordem social, condena-a e exige sua reclusão (MACHADO, 2006).

Portanto, é forjada e elaborada uma nova forma de dominação, menos dispendiosa, reformativa e reclusiva, que foge dos escândalos dos suplícios da Idade Média: a vigilância e a punição. Recebe o estatuto de legitimidade e de ciência permitida a realizar esse verdadeiro controle de indivíduos as ciências “psi”. O Enclausuramento não foi uma característica exclusiva da França ou da Inglaterra, mas sim de todo o ocidente e, por isso mesmo, o Estado não tardou em invocar essa ciência responsável por diagnosticar, classificar e normatizar indivíduos. Cabe ao presente estudo analisar as técnicas de como todo esse processo se deu, as consequências disso e as perspectivas futuras.

De acordo com Foucault em *Vigiar e Punir* (2014) e *Os Anormais* (2010), o poder está em todo lugar. Ele é microfísico, é localizado em todos os espaços do cotidiano; não é horizontal ou vertical, possui múltiplas direções; diversos agentes e resultados positivos ou negativos. O período clássico que é datado desde o século XVI ao XIX, foi marcado pela presença excessiva desse poder orquestrado pelos Estados, por meio do absolutismo francês, inglês, alemão, etc. O método clássico de punir era feito em praças públicas, por meio de penitências, linchamentos, esquartejamento, etc. e que, no entanto, era um sistema muito dispendioso e que não impedia, em geral, a repetição de crimes, além de causar revolta na população, pois a punição era muito mais pesada do que o crime cometido. Era necessário, portanto, a criação de um método moderno que visasse a restituição dos criminosos, evitasse a revolta popular e que fosse menos custoso à máquina estatal. Um método que equilibrasse a punição ao crime cometido. Punindo, assim, a intenção do criminoso, a essência do criminoso, sua natureza.

Portanto, como se tratava de um projeto de restituição e reclusão, o Estado necessitou de ajuda de diversos saberes que emergiram no século XVIII e XIX para legitimar a criação de um novo método punitivo. Nesse sentido, Foucault denota que nessa ascensão de saberes, houve uma união entre as *ciências psi* e as ciências jurídicas. Quando chegavam casos extremamente desconhecidos para o setor judiciário, como irmãos siameses, hermafroditas, etc. o campo médico era acionado para que fosse solicitado um laudo psiquiátrico sobre aquelas pessoas anormais. No caso de gêmeos xifópagos, Foucault (2010) relata: “Quando nasce um monstro com dois corpos, ou com duas cabeças, deve receber um ou dois batismos? Deve-se considerar que o casal teve um ou dois filhos? [...]”.

Assim, aos poucos, na medida em que mais e mais conceitos eram construídos e que estavam correlacionados com a anormalidade, a psiquiatria conseguiu se legitimar enquanto ciência através de um objeto forjado e de um discurso manipulado.

Os laudos psiquiátricos foram os principais responsáveis para a elaboração de conceitos que permitissem uma análise, na qual estariam postos em contraposição normais e anormais. De acordo com Foucault, o estudo dos indivíduos excluídos pela sociedade é muito relevante para entender o período moderno. Com isso, aos poucos, o conceito de anormal ia sendo manipulado e forjado para que a sociedade fosse aceitando enxergando essas pessoas “estranhas” e a considerassem como tal.

Em *Os Anormais* (2010), Foucault trabalha na elaboração de três tipos de anormais: o monstro moral, o corrigível incorrigível e o onanista. O Século XIX presenciou certos tipos de casos criminosos que extrapolaram as leis morais e ainda as leis naturais. Esses casos formaram o monstro moral, ou seja, aqueles que eram tão raros ao ponto de quando surgiam, provocavam choque em toda a sociedade.

Para que haja monstruosidade, essa transgressão do limite natural, essa transgressão da lei-quadro tem de ser tal que se refira a, ou em todo caso questione certa suspensão da lei civil, religiosa ou divina. Só há monstruosidade onde a desordem da lei natural vem tocar, abalar, inquietar o direito, seja o direito civil, o direito canônico ou o direito religioso (FOUCAULT, 2010).

O indivíduo a corrigir era mais presente, pois estava nas famílias europeias. Eram aquelas crianças difíceis de serem controladas; os pais alcoólatras, estupradores, etc. Para tal, cabia ao Estado a criação de dispositivos de disciplina e controle para “normalizar” esses cidadãos como a igreja, as prisões, as escolas, os hospitais, etc.

“De modo que vocês veem desenhar-se em torno desse indivíduo a ser corrigido a espécie de jogo entre a incorrigibilidade e a corrigibilidade. Esboça-se um eixo da corrigível incorrigibilidade, em que vamos encontrar mais tarde, no século XIX, o indivíduo anormal, precisamente. O eixo da corrigibilidade incorrigível vai servir de suporte a todas as instituições específicas para anormais que vão se desenvolver no século XIX” (FOUCAULT, 2010).

A criança masturbadora é um dos conceitos mais complexos desta obra. Para o autor, seria a última fase que atingiria de forma cabal toda a família burguesa europeia, pois se tratava de práticas

onanistas secretas, que eram escondidas por todos mas que todos sabiam que praticavam. Refere-se às práticas corporais e sexuais da sociedade europeia, cujo espaço de normatização se dava a partir do momento em que se condenava práticas sexuais divergentes do considerado “normal”. Portanto, por outro lado, o onanista, os homossexuais, transsexuais, foram sendo considerados anormais segundo a construção de uma patologia.

“Ele é a espécie de causalidade polivalente à qual se pode vincular, e à qual os médicos do século XVIII vão vincular imediatamente, toda a parafernália, todo o arsenal das doenças corporais, das doenças nervosas das doenças psíquicas. No fim das contas, não haverá na patologia de fins do século XVIII praticamente nenhuma doença que, de uma maneira ou doutra, não decorra dessa etiologia, isto é, da etiologia sexual” (FOUCAULT, 2010).

Foucault destaca em *Os Anormais* (2010) três casos que são os fundadores da psiquiatria criminal. São eles: Papavoine, a mulher de Seléstat e o caso Henriette Cornier. Nesses três casos paradigmáticos, podemos ver a ciência psicológica ser invocada para auxiliar o poder jurídico. O caso de Papavoine é marcado pelo assassinato de duas crianças, mas que em seu cerne, havia a presença do delírio como justificativa do seu ato. O caso da mulher de Seléstat é marcado pela morte de sua filha por suas mãos, no qual ela corta em pedaços e a cozinha para comer, tendo a fome como a justificativa do seu crime. Nesses dois primeiros casos, pode-se notar que o discurso jurídico encontra razões de justificativas, seja ela uma necessidade elementar ou delírio. O caso de Cornier torna-se emblemático por silenciar todos os mecanismos de análise pelo fato de que escapa tanto à razão quanto ao delírio. Cornier era uma mulher jovem da sociedade francesa do século XIX e trabalhava como empregada doméstica para algumas famílias. “E eis que um dia, depois de ter várias vezes ameaçando se suicidar, de ter manifestado ideias de tristeza, aparece na casa da vizinha, oferece-se para tomar conta da filhinha desta, de dezenove meses” (FOUCAULT, 2010, pág. 95). No mesmo dia, sem hesitar, Cornier corta fora a cabeça do bebê, embrulha e joga pela janela. Sua justificativa? “Foi uma ideia”.

O caso de Cornier causa confusão tanto aos juristas quanto aos psiquiatras. Esses casos ditos monstruosos, que silenciam os dispositivos, necessitam passar pelos médicos psiquiatras para verificarem se há a presença de delírio no momento do ato do crime, de acordo lei 64 de 1810 da França. No entanto, tanto o discurso psiquiátrico quanto o jurídico, se depararam com uma

contingência: um crime sem respostas, sem intenção. Há toda uma querela para buscar uma punição para Cornier. O caso inaugura um novo cenário no campo jurídico e psiquiátrico: como encontrar uma punição equivalente para um crime que não há intenção?. Sendo assim, é necessário buscar a história da personagem para que se possa julgá-la, sendo eles seus atos na infância, seu estilo de vida, sua vida sexual, etc. Essa passagem das formas de punir, das formas de lidar com o sujeito no campo jurídico e psiquiátrico, que passa a ser construído um discurso atrelado ao monstro humano e moralista acerca das práticas sexuais dos criminosos, chegando à criação do conceito de homossexualidade. A homossexualidade não era condizente com o estilo de vida burguês. É nesse âmbito que a ciência psicológica se insere como análise da história de vida dos sujeitos, patologizando certas práticas com a finalidade de justificar e culpabilizar uma pessoa pelo seu crime. É a virtualidade do criminoso: ele, por si só, o crime já estava dentro dele antes mesmo do seu ato.

A *scientia sexualis* institui um novo saber: aquele que irá colocar os ditames da sexualidade na sociedade ocidental. Uma série de categorias esquisitas são criadas para circunscrever a figura do homossexual que surgia numa sociedade vitoriana capitalista e moralista. Ao invés de haver uma exclusão, há uma inclusão perversa através do saber dessas pessoas cujo comportamento era anormal e aberrante. Uma interferência e uma intervenção médica sobre a vida dos sujeitos, atravessando os limites e os muros das casas dos cidadãos europeus, chegando no controle dos seus próprios corpos. São os “Exibicionistas, de Laségue, os fetichistas de Binet, os zoófilos e zoerastas de Kraft-Ebing, os automonossexualistas de Rholeder; haverá os mixoscopófilos, os ginecomastos, os presbiófilos, os invertidos sexoestéticos e as mulheres dispareúnicas (FOUCAULT, 2014, pág. 48).

“A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 2014, pág. 48). Essa passagem se dá por meio desses saberes que são criados com uma finalidade una: a centralização vertical do poder nas mãos daqueles detém o mesmo. A sociedade punitiva, portanto, torna-se a sociedade de controle, microfísica. A criação dessas múltiplas categorias que incidem sobre os corpos atravessa a fala dos médicos, dos juristas e dos psicólogos, chegando no dia-a-dia da população como um todo. Sendo assim, o estigma do homossexual é cultivado dentro dessa mesma sociedade, através do discurso e da linguagem, o homossexual é patologizado e inserido em uma categoria abjeta, sendo desconsiderado da categoria de ser humano.

“E, inversamente, a partir do momento em que passam a ser “*coisa*” médica ou “medicalizável”, como lesão, disfunção ou sintoma, é que vão ser surpreendidas no fundo do organismo ou sobre a superfície da pele ou entre todos os signos do comportamento.” (FOUCAULT, 2014, pág 48). É nesse sentido, portanto, que a sodomia deixa de ser o elemento central, porém ainda permanecendo seus resquícios de imoralidade, para ser conciliada com a patologia. Ou seja, o homossexual é um “duplo-infrator” que merece punição. Ele corrompe ao mesmo tempo, a ordem moral capitalista, burguesa e cristã, bem como a ordem médica e psiquiátrica, sendo direcionado à um tratamento medicalizável, ou em fins extremos, manicomial.

CONCLUSÕES

À guisa de (in)conclusões, denotamos como a prática psicológica permaneceu por muito tempo ligada ao julgamento moral dos sujeitos ditos anormais. No entanto, ainda há resquícios desse pensamento ligado à prática na contemporaneidade. Seja com o louco, o delinquente, o criminoso, a culpabilidade dos sujeitos por seus desvios morais esteve como um dos papéis direcionados à psicologia do ocidente.

Mas reconstituiu em torno deles todo um encadeamento moral, que transformava o asilo numa espécie de instância perpétua de julgamento: o louco tinha que ser vigiado nos seus gestos, rebaixado nas suas pretensões, contradito no seu delírio, ridicularizado nos seus erros: a sanção tinha que seguir imediatamente qualquer desvio em relação a uma conduta normal. E isto sob a direção do médico que está encarregado mais de um controle ético que de uma intervenção terapêutica. Ele é, no asilo, o agente das sínteses morais (FOUCAULT, 1975).

No entanto, na sociedade de controle contemporânea, o psicólogo sai do asilo propriamente dito, e passa a atuar no nível social, não distanciado da clínica. É notável de que a responsabilidade disso não pertence somente ao profissional deste campo, mas é distribuída por toda rede de tessitura de saberes que tocam a saúde mental dos sujeitos na modernidade. Acreditamos ser esse um campo ainda carregado de conotação moral que desemboca nas mais variadas reações, desde a incompreensão à hostilidade, preconceito e agressividade.

De que lado a psicologia se situa? Do sujeito ou da patologização da moral e dos comportamentos? A escuta psicológica busca a compreensão do sujeito em suas potencialidades, ou busca normatizar o seu jeito de ser e existir no mundo para uma categoria aceitável para a sociedade burguesa? Observamos que a psicologia ainda transborda em um campo imerso em moralismos e

estigmas, repetindo discursos e manuais deontológicos sem nenhuma finalidade crítica sobre o papel da área para a sociedade. Sem dúvidas, existem mais desafios do que objetivos já concretizados.

Além disso, acreditamos que a psicologia permaneceu por um longo tempo ausente de críticas sobre os seus verdadeiros objetivos enquanto discurso científico para essa específica parte da população. Sendo assim extremamente necessário tecer uma crítica sobre a função da psicologia diante desse cenário. Esperamos que o presente trabalho possibilite novas discussões sobre a importância de criticar as bases epistemológicas e a função política da psicologia, a fim de buscar compreender a quem serve esse saber, assim como os saberes médico e jurídicos.

Como cada um pode encontrar suas respostas para responder ao mal-estar inerente à vida no tecido social? Não existem prescrições e receitas *prêt-à-porter*. Trata-se, sobretudo, de consentir com o furo em torno do qual os ideais e as ideias se constituem e dar lugar às respostas que brotam da vida como ela é, respostas de sujeito. Por essas brechas, diante do vazio de certezas que se abre, estaremos, então, em condições de inventar e dar lugar, no campo das práticas sociais de nossa época, a soluções de vida engendradas entre os direitos e a substância pulsante e indomesticável e que anima a natureza dos humanos. (BRISSET, 2011).

XIII

REFERÊNCIAS

BARROS-BRISSET, Fernanda Ottoni de. **Genealogia do conceito de periculosidade**. Belo Horizonte: Responsabilidades, 2011. 15 p. 1 v.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos**. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1975.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e As Coisas: uma arqueologia do saber**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

XIII